

**DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA E SOC: UM DIÁLOGO A PARTIR DA COLEÇÃO
EDSON SOARES DINIZ**

**MUSEOLOGICAL DOCUMENTATION AND SOC: A DIALOG FROM THE EDSON SOARES
DINIZ'S COLLECTION**

 João Vitor Correa Diniz¹

 Franciele Marques Redigolo²

 Thiago Henrique Bragato Barros³

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação pela Universidade Federal do Pará.

E-mail: joaovitorcorrea@hotmail.com

² Professora Adjunta na Faculdade de Biblioteconomia da Universidade Federal do Pará. Doutora e Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

E-mail: franciele@ufpa.br

³ Professor Adjunto no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-Doutorado em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília.

E-mail: bragato.barros@ufrgs.br



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: Os autores declaram que não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

Recebido em: 24/11/2020.

Aceito em: 09/06/2021.

Publicado em: 17/10/2021.

Como citar este artigo:

DINIZ, João Vitor Correa; REDIGOLO, Franciele Marques; BARROS, Thiago Henrique Bragato. Documentação museológica e SOC: um diálogo a partir da coleção Edson Soares Diniz.

Informação em Pauta, Fortaleza, v. 6, p. 1-18, 2021. DOI: <https://doi.org/10.36517/2525-3468.ip.v6i00.2021.61383.1-18>.

RESUMO

Buscou apresentar um estudo sobre a aplicação de Sistema de Organização do Conhecimento à uma coleção de documentos mistos, a Coleção do falecido antropólogo Edson Soares Diniz. Devido as características desta coleção, o sistema proposto foi o tesouro. Partiu-se de uma reflexão sobre o colecionismo, Organização do Conhecimento, e a Documentação Museológica, pontuando alguns conceitos pertinentes à transdisciplinaridade do tema e posteriormente apresentando a Coleção estudada. Em seguida apresentam-se exemplos, com base nas informações contidas na coleção, utilizando como modelos de tesouro o site Thesa, e o Thesaurus para Acervos Museológicos. Por fim, conclui-se que apesar das limitações em elaborar um tesouro, específico para uma coleção não institucionalizada, faz-se uma iniciativa relevante para compor um arcabouço maior de informações compartilhadas.

Palavras-chave: organização do conhecimento; documentação museológica; sistema de organização do conhecimento; coleção Edson Diniz.

ABSTRACT

This article presents a study on the application of a Knowledge Organization System to a collection of mixed documents, the collection of the late anthropologist Edson Soares Diniz. Due to the characteristics of this collection, the proposed system was the thesaurus. It started with a reflection about collecting, the Knowledge Organization, and the Museological Documentation, punctuating some concepts pertinent to the transdisciplinarity of the theme and later presenting the studied Collection.

Following are examples, based on the information contained in the collection, using the Thesa website and the Thesaurus for Museum Collections as thesaurization models. Finally, it is concluded that despite the limitations in developing a thesaurus, specific to a non-institutionalized collection, a relevant initiative is made to compose a larger framework of shared information.

Keywords: knowledge organization; museological documentation; knowledge organization system; Edson Diniz's collection.

1 INTRODUÇÃO

Dentre as mais tradicionais instituições de memória como Arquivos, Bibliotecas e Museus dedicam-se historicamente sua manutenção às práticas regimentares e científicas, produzindo, por exemplo: inventários, fichas e catálogos; como parte de sua prática documentária (CERAVOLO; TÁLAMO, 2007).

Todavia, registrar-se não vem sendo um ato exclusivamente coletivo, podendo ser percebido inicialmente para o social. Organicamente indivíduos realizam aquisições (pelos mais variados motivos), chegam a produzir documentos, por exemplo, ao longo de suas vidas, que nem sempre tiveram intenção de compartilhá-los, porém não deixam de ser recipientes de conteúdos relevantes. Estas constatações vêm se relacionado com prerrogativas contemporâneas, das quais podem ser percebidas nos estudos voltados para contextos idiossincráticos, com elementos mutuamente únicos e semelhantes a casos anteriores, os quais vêm ampliando precedentes dentro da academia, em especial dentro da Ciência da Informação (ARAÚJO, 2014).

Dessa forma, com o intuito de problematizar sobre a riqueza dos conhecimentos acumulados em coleções pessoais como a de Edson Diniz, levanta-se o seguinte questionamento: qual a viabilidade de submeter uma coleção pessoal às perspectivas transdisciplinares do campo documental, em vias de organizar seus conteúdos com objetivo de representar por meio de um Sistema de Organização do Conhecimento (SOC) os conceitos nele contidos.

O objetivo dessa pesquisa é refletir a partir da coleção de Edson Soares Diniz, antropólogo indigenista, a elaboração de SOC que possibilitassem futuras recuperações e acessos a coleções pessoas semelhantes.

Tendo como objeto de estudo os diferentes tipos de documentos presentes na coleção de Edson Soares Diniz, antropólogo indigenista, autor de pesquisas que datam entre as décadas de 1970 e 1990 (DINIZ, 2018). Nesse conjunto documental os tipos de documentos encontrados foram: cartas, diários de campo, relatórios, livros, fotografias, artigos, periódicos, artefatos, etnografias, dentre outros manuscritos (DINIZ, 2018).

É neste contexto em que o presente trabalho se insere, o de uma pesquisa exploratória e documental, que ao longo do seu desenvolvimento procurou-se estabelecer um diálogo entre dois campos, a Documentação Museológica¹ e o Sistema de Organização do Conhecimento², os quais através das literaturas listadas ao longo do trabalho foi possível estabelecer convergências na coleção de Edson. Devido à variedade de documentos, e assuntos presentes na coleção deste falecido etnólogo, propôs-se uma discussão de SOC, e neste caso foi proposto um desdobramento para tesouro, que pudesse representar o conhecimento contido nestes registros.

2 COLEÇÃO/COLECIONISMO

Termos como coleção e acervo apresentam similitudes devido seus sentidos aglutinadores, suas variabilidades de conteúdos e possibilidade de serem encontrados em diversas escalas. Adiante serão pontuados os significados e fontes para os termos ‘coleção e colecionismo’.

Segundo o Dicionário Caldas Aulete (200-), coleção pode ser definida como um conjunto, ordenado, reunido por seu valor artístico, cultural, histórico etc. de seus itens, ou por sua raridade, originalidade etc., ou até mesmo pelo interesse de quem vier à colecionar (coleção de moedas, coleção de quadros, indumentárias).

Já o colecionismo pode ser considerada uma prática que atravessa diversos períodos da trajetória humana. Essa prática ultrapassa uma ação mecânica, ao ponto que ao exercerem o ato de colecionar, indivíduos estabelecem formas de organização,

¹ Compreendida como o segmento da Museologia que, por meio de sua prática de musealização visa submeter os objetos de potencial museológico sob processos de seleção, organização e (re)contextualização de suas informações (MONTEIRO, 2014).

² Que corresponde à um sistema de conceitos semanticamente organizados, utilizado para contemplar, por exemplo: termos, definições, relacionar propriedades de conceitos (MAZZOCCHI, 2018).

aprimoramento, seleção e coleta. A sistematização do colecionismo contribuiu, inclusive para a determinação de Estados e civilizações. Reforça-se este pensamento ao trazer a fala do historiador Francisco Marshal:

Considerando em sua dimensão ordenadora o colecionismo desponta como um dos fundamentos culturais mais profundos enraizados e de mais amplas consequências em toda trajetória humana. Coletando e, logo colecionando, nossos ancestrais aprenderam a discernir recursos naturais e a selecionar possibilidades vitais no mundo; desde a pré-história e a cada nova geração conseguimos organizar sons e sinais sob a forma de discurso (MARSHALL, 2005, p. 14).

É neste mesmo estudo em que o historiador trata sobre a epistemologia do colecionismo. Ele estabelece uma relação entre os atos de “falar” e “coletar”, ressaltando que em cada episódio histórico os processos colecionistas engendraram complexos sistemas com funções e finalidades diversas.

Não obstante estaria um marco destacado pelos pesquisadores Hedstrom e King (2004) ao apontarem que com o advento da escrita e da sedentarização dos coletivos humanos – cinco milênios atrás – houve as primeiras representações de espaços voltados para a preservação e guarda de acervos – compreendidos hoje em dia como – documentais.

Dessa forma acredita-se haver um diálogo entre coleções (acervos, arquivos) e sistemas ordenados de conhecimento, que se estende até o presente. Sustentados sobre elementos basilares para pensar os suportes de informação e a relevância de seus conteúdos, sejam estes públicos ou privados.

2.1 Coleção Edson Soares Diniz

A coleção de Edson Soares Diniz deriva do empenho pessoal e sistemático deste antropólogo indigenista brasileiro, ao final do século XX. Durante seus 50 anos de pesquisas nacionais, pôde contribuir para a ampliação de informações sobre grupos indígenas da região norte (do tronco *Tembé, Tenetehara-Guajajara*) ao sul (do tronco *Tupi-Guarani*) (DINIZ, 2018).

Ademais essa coleção é composta de documentos de identificação acadêmica (diplomas, certificados, currículos), objetos (artefatos, utensílios, flechas, remos). Enquanto os arquivos relativos aos seus trabalhos etnográficos, entre estes se encontram diversas tipologias como: diários de campo; heredogramas sobre as famílias

dos sujeitos entrevistados; cartas trocadas com correspondentes nacionais e internacionais; mapas sobre delimitações de terras, com a localização dos “postos indígenas” estudados; motivos de pinturas corporais; disquetes; livros (de autoria própria, literatura nacional e estrangeira, bem como de teoria nacionais e internacionais); periódicos (recortes de jornal e boletins de museus científicos) (DINIZ, 2018).

A partir desta sucinta “ilustração” da coleção de Edson Diniz, denotando os documentos identificados, ao longo do trabalho de graduação do presente autor, afirma-se que – como mencionado anteriormente – uma trajetória de vida, ou de uma nação, não se faz com documentos que nasceram diretamente para serem preservados.

Considera-se que a organicidade de coleções como esta, combinam tanto características ‘orgânicos’ de agregação, suportados por uma ‘lógica’ acumulativa do conhecimento de Edson, ao longo de sua carreira (DINIZ, 2018).

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA

A documentação museológica é compreendida como o segmento da Museologia que, por meio de sua prática de musealização, visa submeter os objetos de potencial museológico³ sob processos de seleção, organização e (re)contextualização de suas informações (MONTEIRO, 2014).

Bem como citado anteriormente por Monteiro (2014), outras duas autoras de expressão no ramo são Helena Ferrez (1991) e Maria Helena Bianchini (1987). Ao ponto que Helena Ferrez trata a documentação museológica como uma sistematização de informações possibilitando sua recuperação, mediando a releitura dos profissionais de memória e dos usuários.

Dessa forma, os processos de musealização, são diretamente relacionados com a documentação museológica, salvaguardando informações primárias e secundárias, dos registros realizados. Ao apontar esta relação retomam-se três elementos, tidos como fundamentais, por Waldisa Rússio, para serem tratados no processo de musealização: fidelidade, testemunhalidade e documentalidade (RÚSSIO, 1990).

³ Ao “objeto de estudo” da Museologia dá-se o nome de *musealia*. Termo apresentado por Zbyněk Stránský, com o objetivo de designar este termo diretamente “aos objetos de museu”, em meados de 1960. Com o passar do tempo e sua difusão, a abrangência e revisão do termo, foi se dando naturalmente às condições dadas por cada localidade que debatia sobre valores patrimoniais de legitimação, dentro e fora dos museus (VAN MENSCH, 1992).

Estes elementos fundamentais, compõem também o que se compreende como objeto de estudo da Museologia. Suas práticas aproximam-se às da Organização do Conhecimento, indo desde a identificação, pesquisa, sistematização de referenciais, elaboração de linguagens contextualizadas. Em debates sobre legitimidade de representação de algum saber local – no caso de estudos museológicos – debate-se sobre a autenticidade dos documentos, e a chance de ampliar (salvaguardar) o conhecimento, a partir do compartilhamento das informações levantadas (BOTTALLO, 1996; HJØRLAND, 2008; MONTEIRO, 2014).

Dito isto, considera-se, no caso da Museologia, a exposição museológica como a etapa final, dessa cadeia de processamento de informações, propiciando aos usuários (público visitante, técnicos, pesquisadores etc.) acesso à conteúdos, com potencial de serem transformados em conhecimentos por quem os apreenderão.

Portanto, infere-se que o fio condutor ligando essa aplicação idiossincrática da museologia – a musealização – que não só define, mas também compõe a documentação museológica, repousa sobre a necessidade de sistematização dos conteúdos, baseados em seus contextos. Sejam estes relativos a um referencial cultural, ou a um arcabouço teórico de alguma disciplina.

4 SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Relacionando a organização do conhecimento com a Museologia, tem-se destacado um componente basilar para estudos em ambas as disciplinas, o ‘conceito’. Compreendido aqui como um conjunto ordenado de afirmações passíveis de serem comprovadas, sendo ordenadas em textualmente numa cadeia lógica de pressupostos (DAHLBERG, 1978).

Ademais, um dos desafios para lidar com a realidade complexa dos conceitos presentes em coleções – por meio dos documentos – está, por exemplo, no anacronismo da organização de seus conteúdos, bem como recuperações feitas pelos potenciais usuários. A fim de lidar com questões ponderáveis como essa, que se destacam outras duas disciplinas: a Organização do Conhecimento a fim de correlacionar as unidades referentes aos conjuntos conceituais; e os Sistemas de Organização do Conhecimento tratando da abrangência dos tipos de esquemas que ordenam e representam o conhecimento (LIMA; MAIMONE; SANTOS, 2017).

De forma mais ampla, SOC podem ser compreendidos como modelos conceituais semanticamente ordenados que englobam: terminologias, inter-relações e qualidades dos conceitos, delimitações etc. Dentre seus objetivos estão: traduções de conteúdos em fontes primárias e terciárias; formatação estruturada a partir de uma cosmologia, com fim de facilitar a recuperação das informações contidas nos suportes dados (MAZZOCCHI, 2018).

Já em um sentido mais restrito, SOC acabam se constituindo de componentes mais restritos, voltados para algum campo do conhecimento delimitado, como ‘termos’ ou ‘verbetes’. Esses componentes subordinam-se à um conjunto terminológico contextualizado devido a competência informacional específica de cada conhecimento (MAZZOCCHI, 2018).

Ao passo que SOC é a sigla recorrente ao referir-se no plural aos sistemas que operam das formas descritas acima, dessa forma destacam-se alguns dos sistemas listados por Carlan e Brascher (2011):

Tesauros: com seu foco de estruturação voltado para os termos, acaba tendo uso recorrente nos estudos de organização do conhecimento. A consolidação desse sistema deu-se tanto por sua recorrência, quanto por normas internacionais (ISO, ANSI/NISO)

Taxonomias: devido sua aplicabilidade na organização de informações em ambientes de gestão institucional, tem se destacado como um dos componentes de sites da web.

Ontologias: seguindo o fluxo da “migração” de organizações conteúdos, voltado para o ambiente virtual da web, neste caso em especial, da web semântica; as ontologias têm sido uma promissora perspectiva dentro dos SOC, devido sua possibilidade de representar conhecimentos em sua complexidade e abrangência.

Sistemas de classificação: destaca-se na organização da informação utilizada em bibliotecas, por exemplo, tendo seu uso recorrente até o presente.

Tendo mencionado os sistemas acima, com base nas autoras, decidiu-se optar pelo tesauro, a fim de debater sobre sua aplicação na coleção Edson Diniz. Em virtude de debater sobre a criação (e relação) de vocabulários controlados (termos), aplicados em acervos que não-institucionalizados.

Os modelos utilizados para pensar formas de representar o conteúdo da coleção de Edson foram: o ‘Thesa’⁴ e o ‘Thesaurus para acervos museológicos’. Um com foco para a variedade semântica de contribuição e acesso livre. Outro voltado para a normatização terminológica para documentação em museus nacionais. Ambos utilizados como modelos de representação de termos, suas formas sistematização.

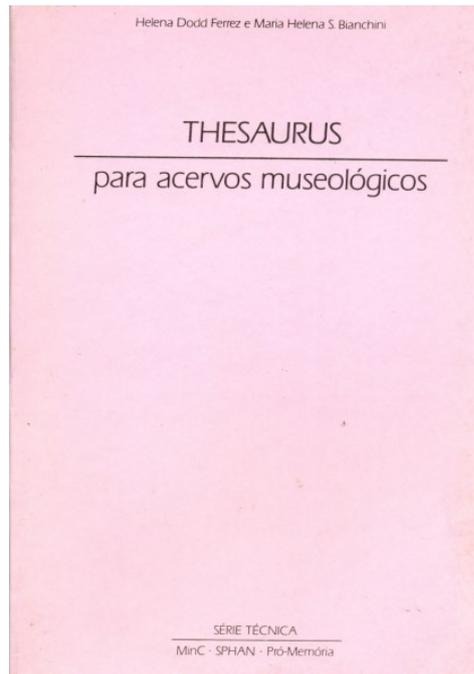
5 A SISTEMATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA COLEÇÃO EDSON DINIZ

Dando prosseguimento ao compreender os tesouros como um SOC, compostos por unidades que delimitam determinado espaço de conhecimento, tendo termos, uma destas unidades. Esses termos, por sua vez, dizem respeito à uma realidade sociocultural adequada ao domínio específico do conhecimento a que pertence. Dessa forma, as ligações entre os termos apresentam-se como pontos relevantes na compreensão da organização gerada, a partir desse sistema. Como se as ligações das partes pudessem representar o todo.

Na presente pesquisa utilizou-se como modelo de SOC o material técnico elaborado por Ferrez e Bianchini (1987) intitulado *Thesaurus para acervos museológicos* (imagem 1). Apesar de ser um material elaborado com base em acervos históricos, suas especificidades não reduzem a relevante representatividade para às instituições de guarda e ensino museológico do Brasil; seu uso como referência neste trabalho dá-se justamente pelo perfil diversificado de coleções contempladas dentro do recorte histórico, que mesmo na atualidade auxilia na conceituação, e organização semântica de variadas coleções.

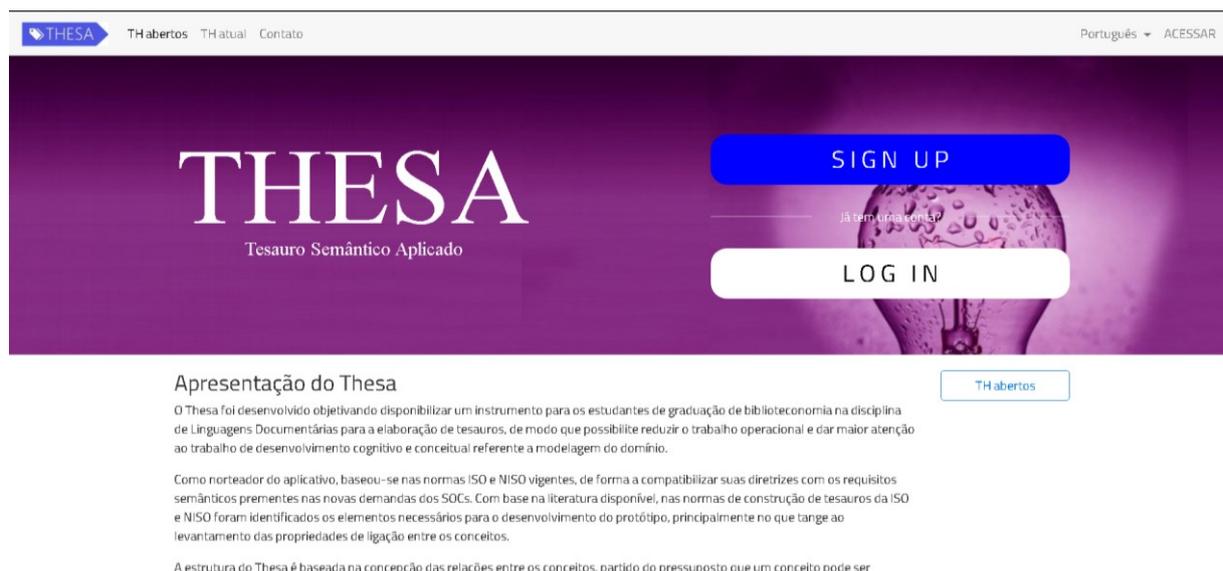
⁴ Portal na web “desenvolvido objetivando disponibilizar um instrumento para os estudantes de graduação de biblioteconomia na disciplina de Linguagens Documentárias para a elaboração de tesouros” (FAUSTINO; LAIPELT, 2017, p. 11).

Figura 1 – Capa do livro Thesaurus para acervos museológicos.



Fonte: FERREZ; BIANCHINI, 1987.

E no caso do tesauro semântico aplicado *Thesa* (imagem 2) em suas primeiras linhas é apresentado pelos autores tem como uma de suas finalidades a seguinte descrição “O Thesa foi desenvolvido [...] de modo que possibilite reduzir o trabalho operacional e dar maior atenção ao trabalho de desenvolvimento cognitivo e conceitual referente a modelagem do domínio” (GABRIEL JUNIOR; LAIPELT, 2017, p. 134). Essa preocupação com os elementos conceituais de um domínio, sua aplicabilidade prática, e acesso público de apreensão simplificada (mesmo que de referenciais complexos) foi o que chamou a atenção para seu uso como inspiração na elaboração dos exemplos elaborados nesse artigo.

Figura 2 – Página inicial referente ao tesauro semântico aplicado Thesa.

Fonte: GABRIEL JUNIOR; LAIPELT, 2017.

Assim, a partir da estruturação dos termos levantados pelos referidos tesauros, orientados pela premissa de representação conceitual através do uso de termos referenciais. Pensou-se na possibilidade de elaborar uma forma inspirada nestes exemplos, que pudesse ser orientada pelo contexto histórico e documental que a coleção oferece, com base nas produções do próprio Edson Diniz para navegação de leitura, e recuperação de seus conteúdos (GABRIEL JUNIOR; LAIPELT, 2017).

Assim, apesar do estabelecimento de delimitações sobre os termos do tesauro. Propõe-se a possibilidade de permuta ou acréscimos de termos, defendendo as características mencionadas anteriormente tanto sobre coleções, quanto sobre os estudos de documentação museológica.

No caso da coleção Edson Diniz, um de seus delimitadores – com base nas definições utilizadas anteriormente – seria a formação do antigo dono. Pois, Edson foi antropólogo de formação, em curso ministrado no Museu Nacional, pelo professor Roberto Cardoso de Oliveira, tendo sido colega de curso e contemporâneo de outros antropólogos de renome como: Roberto Damatta; Roque de Barros Laraia; Charles Wagley; Eduardo Galvão. Seus trabalhos tratavam, em grande parte, sobre antropologia social indígena, na linha de conflitos interétnicos (DINIZ, 2018).

Esta “delimitação” mais geral sobre o tipo de conteúdo abarcado nessa coleção, enquadra-se na questão sobre o domínio de Edson, e suas produções. Pois ao entender seu “nicho” de constituição profissional e acadêmica, inclusive, ao acrescentar que foi

funcionário do Museu Paraense Emilio Goeldi⁵ (MPEG). Ao identificar os traços do antigo dono, esclarece-se mais a espacialidade e as influências de suas falas como sujeito de seu contexto. Sendo assim, por conseguinte seus documentos presentes na coleção.

Em vista do caráter experimental deste trabalho e consciente das limitações teóricas e práticas, com relação a aplicação de SOC transversalmente entre a Ciência da Informação e a Museologia, optou-se por orientar as inferências utilizando o cenário da própria coleção.

Na presente abordagem as relações foram determinadas, a partir de leituras prévias de alguns documentos representativos de cada tipologia presente no conjunto documental. Certas peças possibilitam relações com informações externas a coleção, a exemplo de boletins do MPEG encontrados separadamente em pastas organizadas previamente pelo antigo dono. Alguns destes boletins foram possíveis de serem encontrados na página de ‘repositorio.museu-goeldi.br’; ‘editora.museu-goeldi.br/humanas’; ‘www.etnolinguistica.org’; e ‘aio.therai.org.uk’ (*Anthropological Index Online*).

Sendo assim, ao ter encontrado relações de busca, e repetição de resultados com o nome de Edson, em domínios relativos à Antropologia nacional e internacional, parafraseia-se Gabriel Junior e Laipelt (2017, p. 130) ao afirmarem que:

Nessa abordagem, as relações associativas devem ser estabelecidas principalmente a partir da análise da literatura do tema que se propõe em verificar o tesouro, de modo a levar em conta a existência de diferentes pontos de vista ali presentes, e servir como um guia para o usuário localizar informações possivelmente inesperadas e adicionais, mas ainda assim úteis para que alcance seu objetivo.

Além da estrutura hierárquica encontra tanto no Thesa (imagem 3), quanto no Theaurus para acervos museológicos, característica deste tipo de sistema. Foi possível perceber o encadeamento de conceitos sendo representados por termos, links (no caso do Thesa), imagens⁶, ou quaisquer outras formas que pudessem demonstrar suas características elementares.

⁵ Como pesquisador do museu, exerceu suas atividades, até 18 de maio de 2004 quando foi aposentado compulsoriamente, por ter completado setenta anos.

⁶ O que seria interessante para representar peças de um cervo de museus, tendo em vista a variedade de nomenclaturas, por região do país.

Figura 3 – Página de resultado Androceu, dentro do tesauro de Biologia vegetal elaborado a partir das ferramentas do Thesa.



Fonte: GABRIEL JUNIOR; LAIPELT, 2017.

Assim como nos modelos de tesauro mencionados acima, a gradação utilizada para ir do termo mais amplo, ao mais específico, foi baseada na norma ISO 25.964:2011 (ISO, 2011), ao tratar das associações semânticas utilizando as seguintes siglas: TG, TE, TR, e NE⁷.

Os dados levantados teriam como intenção orientar possíveis acessos aos usuários, que viriam a ter contato com a coleção, para identificarem alguns dos conteúdos presentes nos documentos. As propostas de sistematização envolvem agrupamentos relativos ao criador da coleção; um outro modelo voltado aos grupos étnicos estudados por Edson.

Ademais, abaixo segue a primeira tentativa de associar termos, usando unicamente as informações levantadas nos contextos das informações recuperadas dentro dos próprios documentos (neste caso, relativo às cartas, aos artigos da rede que faziam menção ao Edson, e seu currículo Lattes). Essas informações comporiam uma “identidade” deste sujeito.

⁷ TG, termo geral que engloba os demais na hierarquia semântica; TE, termo específico que representa uma parte de menor teor; TR, termo relacionado, que está ligado a outro termo; NE, nota explicativa, que permite desenvolver mais informações sobre os termos (CINTRA, et al., 2002).

Ex.1:

TG: Edson Diniz

TR: Antropólogo;

TE: Antropólogo Social;

NE: Durante o curso de formação em Antropologia, ministrado pelo professor Roberto Cardoso de Oliveira em 1960, no Museu Nacional, foi colega de trabalho e formação de outros antropólogos de renome nacional como: Roberto Damatta e Roque de Barros Laraia (DINIZ, 2018);

TE: Indigenista⁸;

TR: Paraense/Mocorongo⁹;

Neste primeiro modelo, optou-se por informações que pudessem localizar tanto domínio, quanto características que o localizassem em espaço e tempo referenciais. Identificando-o como pesquisador da região, parte de suas articulações profissionais, e linhas de pesquisa.

Outro modelo escolhido para utilizar como exemplo é relativo à formação de Edson, e sua rede de contatos acadêmicos segue no exemplo abaixo:

Ex.2:

TG: Estudos de áreas de fricção interétnica;

TE: Etnologia-indígena;

TR: Roberto Cardoso de Oliveira;

TR: Roque de Barros Laraia;

TR: Alcida Ramos;

TR: Edson Soares Diniz;

TR Hortência Caminho;

TR: Roberto Augusto DaMatta;

NE: O termo Fricção interétnica representa uma das linhas estudos etnológicos brasileiros, os estudiosos dessa linha buscam a compreensão dos grupos indígenas, a partir de sua incorporação à sociedade brasileira (OLIVEIRA, 1986);

⁸ Formalmente iniciado como um movimento a favor dos povos indígenas, “a partir da criação do Instituto Indigenista Interamericano, ocorrida no México, em 1940” (SCHIAVINI, Fernando).

⁹ De acordo com a fonte do meusdicionarios.com.br A origem do termo *mocorongo* remete a um topônimo gentílico usado para quem nasce na região de Santarém, no estado do Pará.

Esse exemplo ilustra uma das passagens da história de Edson que se cruza com a história da Antropologia Brasileira, devido sua formação no Museu nacional junto à outros(as) pesquisadores(as) com reconhecimento nacional, em curso ministrado pelo professor Roberto Cardoso de Oliveira (LARAIA, 2008).

Em uma faceta mais pessoal de Edson presente no acervo a estruturação de termos com base em suas correspondências denota a proposta, de esclarecer e organizar os conteúdos do acervo partindo de seu próprio contexto, e respeitando parte do gerenciamento documental elaborado pelo próprio Edson, ainda em vida.

Ex.3:

TG: Correspondências;

TE: Correspondências Internacionais;

TR: Claude Lévi-Strauss;

NE: Correspondências guardadas por Edson com assuntos que variam desde conversas pessoais, sobre sua vida e de seus interlocutores; até questões de trabalho com relação às pesquisas que desenvolvia e trabalhos publicados.

Os próximos exemplos, dentre os grupos étnicos estudados por Edson, voltam-se para o grupo *Tenetehara-Guajajara*, os quais destacam-se por serem um grupo localizado também na região norte, fronteira do nordeste paraense com o oeste maranhense (DINIZ, 1994).

Ex.4:

TG: Tenetehara-Guajajara;

TR: Tenetehara;

NE: “*Tenetehára* que significa 'donos do cocar', também usado pelos Tembê. Pode indicar também 'índio' quer os Tupi e não os Jê, como os Canela que são 'selvagem'. 'Guajajara' é possivelmente de origem tupinambá” (SCHRÖDER, 2002);

TR: Bilíngues (falantes do tupi e português);

TR: Maranhão;

TE: Religião sincrética;

TR: Aculturados;

Neste exemplo, as informações visaram destacar características que pudessem distinguir a população *Tenetehara-Guajajara*, em meio uma busca voltada entre os demais documentos sobre as populações autóctones.

Percebeu-se que cada enunciado isolado pode parecer genérico, quando tratados fora do contexto do acervo, mas que quando combinados denotam tanto a particularidade do conjunto documental de Edson, quanto articulações com informações e dados de documentos externos.

Assim como último exemplo na proposta de sistematização da coleção Edson Soares Diniz, trazem-se termos relativos ao parentesco *Tenetehara-Guajajara*:

Ex.5:

TG: Parentesco Tenetehara-Guajajara;

TR: Monogamia;

TE: *He tamui* (pai do pai) (DINIZ, 1994);

TE: *He Ru* (pai) (DINIZ, 1994);

TE: *He Rewyra* (mãe) (DINIZ, 1994);

Dessa forma, encerra-se este ponto do texto, ressaltando sobre tantas outras possíveis ligações hierárquicas dentro ou fora do critério de segmentação étnica, pela tipologia documental, ou por assunto. Como vistas nas associações entre sujeitos e linhas de pesquisa, tendências de estudos, ou reverberações de comunicações científicas geradas por Edson. Dependendo do tipo de informação que a coleção proporcione, desdobramentos inter e extratextuais podem ser desenvolvidos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o passar dos anos, por acreditar no potencial documental de conjuntos documentais, que se encontram “fora do circuito” institucionalizado, como relevantes recipientes de informações sobre trajetórias sociais. E sobre pessoas, que podem ou não terem sido reconhecidas em seus ramos, mas que seus conhecimentos produzidos e acumulados têm capacidade de contribuir – mesmo que de forma anacrônica – com procedimentos atuais de registros recuperação de informações.

É sob a perspectiva dessas ideias que se desenvolveu o presente trabalho. Não obstante a presença, inclusive, de uma ambientação teórica interdisciplinar que pudesse nortear as discussões transversais sobre as SOC frente à um objeto de estudo complexo como a coleção de Edson Soares Diniz.

Entender que a complexidade desta coleção recai sobre a variedade documental permitiu aproximar discussões entre a Museologia e a Organização do Conhecimento, para que se pudesse chegar às sugestões demonstradas nos exemplos do quinto item. Essa experiência de um primeiro contato com as informações levantadas e os diálogos propostos indicaram um caminho viável para elaboração de modelos de SOCs à contextos particulares, estruturando suas terminologias a partir dos termos encontrados nos próprios documentos da coleção; permite o vislumbre de compartilhamento e recuperação de conteúdos restritos e desconhecidos, para potenciais acessos.

No que diz respeito à relação entre OC e Museologia o diálogo mostrou-se frutífero ao ponto que para o desenvolvimento de uma documentação museológica, ou da musealização. Compreendendo que ao analisarem objetos como documentos, a relevância de seus conteúdos soma tanto para o seu gerenciamento institucional, quanto para a recuperação destes conteúdos aos seus potenciais usuários; seja em um centro de documentação, ou em instituições museológicas (centros de memória, museus, bosques, sítios arqueológicos, entre outras).

Dessa forma acredita-se que os acervos, ou coleções como as de Edson, pertencentes ou não ao meio acadêmico, têm seu mérito em serem salvaguardadas, tanto por disciplinas como a CI, quanto pela Museologia; que dentre outras mais vêm representar aqui ciências que estudam memórias humanas registradas. Valorizando então, o mosaico que cada novo conteúdo redescoberto e agregado aos repertórios já estabelecidos oferece.

REFERÊNCIAS

- AULETE, C. **Caldas aulete digital**. Rio de Janeiro: Lexicon, [200-]. Disponível em: <http://www.auletedigital.com.br>. Acesso em: 7 jan. 2020.
- BOTTALLO, M. A gestão documental do patrimônio arqueológico e etnográfico. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 6, p. 287-292, 1996.
- CARLAN, E.; BRASCHER, M. Sistemas de Organização do Conhecimento na visão da Ciência da Informação. **RICI**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 53-73, ago./dez. 2011.
- CERAVOLO, S. M.; TÁLAMO, M. F. G. M. Os museus e a representação do conhecimento: uma retrospectiva sobre a documentação em museus e o processamento da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2007.
- CINTRA, A. M. *et al.* **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. São Paulo: Editora Polis, 2002.
- DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**. [S. l.], v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978.
- DINIZ, E. S. **Os Tenetehara-Guajajara e a sociedade nacional: flexibilidade cultural e persistência étnica**. Belém: Universidade Federal do Pará/CNPq, 1994.
- DINIZ, J. V. C. **Documentos Herdados: um estudo a partir do acervo Edson Diniz sobre o grupo Tenetehara-Guajajara**. 2018. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
- FERREZ, H. D.; BIANCHINI, M. H. S. **Thesaurus para acervos museológicos**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, 1987.
- FERREZ, H. D. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. *In*: FÓRUM NORDESTINO DE MUSEU, 4. 1991, Recife. **Anais [...]**. Recife: IBPC/Fundação Joaquim Nabuco, 1991.
- FRICÇÃO Interétnica – Verbetes. *In*: OLIVEIRA, J. P. (Org.). **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986. p. 495-498.
- GABRIEL JÚNIOR, R. F.; LAIPELT, R. C. Thesa: ferramenta para construção de tesouro semântico aplicado interoperável. **Revista P2P & Inovação**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.124-145, mar./set. 2017.
- HEDSTROM, M.; KING, J. L. E. **On the LAM: library, archive, and museum collections in the creation and maintenance of knowledge communities**. Paris: Organization for Economic Co-operation and Development, 2004.
- HJØRLAND, B. What is knowledge organization (KO)? **Knowledge Organization**, v. 35, n. 2/3, p. 86-101, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277803483_What_is_Knowledge_Organization_KO. Acesso em: 15 jan. 2020.
- INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION (ISO). **ISO 25.964-1**. Information and documentation – Thesauri and interoperability with other vocabularies: Part 1, 2011.
- LARAIA, R. B. Trajetórias convergentes: Cardoso de Oliveira e Maybury-Lewis. **Mana**, v. 14, n. 2, p. 547-554, 2008.
- MARSHALL, F. Epistemologias históricas do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 13-23, jan./jun. 2005.
- MAZZOCCHI, F. Knowledge organization system (KOS). **Knowledge Organization**, v. 45, n. 1, p. 54-78, 2018.
- MONTEIRO, J. **Documentação em museus e objeto-documento: sobre noções e práticas**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes (ECA), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- MOCORONGO. *In*: DICIONÁRIO: Meus Dicionários. Disponível em: <https://www.meusdicionarios.com.br/mocorongo>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SANTOS, C. A. C. M.; MAIMONE, G. D.; LIMA, V. M. A. **Sistemas de Organização do Conhecimento: conceitos e relações**, 2017. 22 slides. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2218350>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SCHIAVINI, F. **Indigenismo e Indigenistas Brasileiros**, 2018. Disponível em: <http://fernandoschiavini.com.br/indigenismo-e-indigenistas-brasileiros/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SCHRÖDER, P. **'Guajajara', Povos Indígenas do Brasil**. São Paulo, 2002. Disponível em:

pib.socioambiental.org/pt/povo/guajajara. Acesso em: 20 jan. 2020.

VAN-MENSCH, P. **Towards a methodology of museology**. 1992. Tese (Doutorado em Museologia) – University of Zagreb, 1992.

VAN-MENSCH, P. The object as data carrier. *In: Towards a methodology of Museology*. 1992. Tese (Doutorado em Museologia) - Universidade of Zagreb, 1992.